

I

O tio de Francis Marion Tarwater estava morto há meio dia apenas quando o rapaz ficou demasiado bêbado para acabar de abrir a sepultura e um negro chamado Buford Munson, que ali viera pedir para lhe encherem um jarro, teve de terminar o serviço e arrastar o cadáver para longe da mesa posta para o pequeno-almoço, à qual se encontrava ainda sentado, de modo a sepultá-lo condignamente e de acordo com os preceitos cristãos, com o sinal do Salvador à cabeceira e terra em cima quanto bastasse para desencorajar os cães de desenterrarem o defunto. Buford aparecera cerca do meio-dia e quando abalou pelo sol-pôr, o rapaz, Tarwater, ainda não regressara do alambique.

O velho fora tio-avô de Tarwater, ou pelo menos assim dizia ser, e os dois haviam sempre vivido juntos, tanto quanto a criança sabia. O seu tio dissera-lhe que tinha setenta anos de idade na altura em que o salvara e se encarregara de o criar; contava oitenta e quatro na hora da sua morte. Tarwater calculava portanto que ele próprio teria catorze anos. O seu tio ensinara-lhe Contas, Leitura, Escrita, e História a começar em Adão expulso do Jardim e seguindo por aí abaixo, passando por todos os presidentes até Herbert Hoover, e avançando especulativamente até à Segunda Vinda de Cristo e ao Dia do Juízo Final. Além de lhe ter proporcionado uma boa educação, resgatara-o do seu único parente restante, o sobrinho do velho Tarwater, um professor que não tinha filho próprio na altura e queria este rebento da falecida irmã para o criar de acordo com os seus próprios ideais.

O velho estava em condições de saber que ideais eram esses. Morara três meses em casa do sobrinho em nome daquilo que na época

julgara ser Caridade, mas que dizia ter posteriormente descoberto que não era Caridade nem nada que se parecesse. Durante todo o tempo que morara lá, o sobrinho dedicara-se em segredo à realização de um estudo sobre o velho. O sobrinho, que o acolhera em nome da Caridade, estivera ao mesmo tempo a infiltrar-se-lhe na alma por portas travessas, fazendo-lhe perguntas que tinham mais do que um sentido, armando-lhe ciladas pelos quatro cantos da casa e observando-o a cair nas armadilhas, compilando por fim um estudo escrito sobre o velho para publicação numa revista acadêmica. O fedor do seu comportamento chegara às portas do Céu e fora o próprio Nosso Senhor quem salvara o velho. Enviara-lhe uma fúria de visões, dissera-lhe que fugisse com o pequeno órfão para os pontos mais esconsos das florestas do interior e o criasse de forma a justificar a sua Redenção. O Senhor assegurara-lhe longevidade e ele raptara o bebê de debaixo do nariz do professor e levava-o consigo para viverem na clareira de Powderhead, propriedade que era sua de direito vitalício.

O velho, que dizia ser profeta, educara o rapaz para que contasse receber ele próprio a chamada do Senhor e se preparasse para o dia em que esta lhe chegasse aos ouvidos. Instruíra-o acerca dos males que se abatem sobre os profetas; dera-lhe a saber aqueles que emanam do mundo terreno, que são insignificantes, bem como aqueles que provêm do Senhor e purificam o profeta pelo fogo; pois ele próprio fora purificado e purificado voltara a ser pelas chamas. Fora ensinado pelo fogo.

Ouvira o chamamento na flor da idade e abalara rumo à cidade para proclamar a destruição reservada para o mundo que abandonara o seu Salvador. Proclamava no meio da sua fúria que o mundo veria o Sol rebentar em sangue e chamas, e, enquanto ele bramava e por isso aguardava, o astro levantava-se diariamente pela manhã, calmo e contido, como se não só o mundo mas também Deus Nosso Senhor se tivesse escusado a ouvir a mensagem do profeta. Nascia e tornava a pôr-se, nascia e tornava a pôr-se num mundo cujas cores alternavam entre verde e branco e verde e branco e verde e branco uma vez mais. Nascia e tornava a pôr-se e ele desesperava pela atenção dos ouvidos do Senhor. Depois, numa manhã, viu para sua alegria um dedo de fogo sair do astro e, antes que pudesse virar-se, antes que pudesse gritar, fora tocado por esse dedo e a destruição pela qual

esperara abatera-se sobre o seu próprio cérebro e o seu próprio corpo. Fora o seu próprio sangue a secar pelo fogo e não o sangue do mundo.

Tendo aprendido muito com os seus próprios erros, estava em condições de instruir Tarwater — quando o rapaz se prestasse a dar-lhe ouvidos — sobre os factos incontornáveis do serviço ao Senhor. O rapaz, que tinha ideias próprias, ouvia-o com a convicção impaciente de que nunca cometeria quaisquer erros quando chegasse a sua hora e por Deus fosse chamado.

Não foi essa a última vez que Deus castigou o velho pelo fogo, mas tal não tornara a acontecer desde que resgatara Tarwater das mãos do professor. Na ocasião em que o fez, a sua fúria de visões fora nítida. Soubera com clareza do que estava a salvar o menino, e era salvá-lo e não destruí-lo que intentava. Aprendera o suficiente para odiar a destruição que viria inevitavelmente, sem guardar qualquer ódio ao que seria por ela destruído.

Rayber, o professor, não tardara a descobrir onde eles estavam e viera até à clareira para recuperar o bebé. Vira-se obrigado a deixar o carro estacionado no caminho de terra batida e a andar quilómetro e meio através dos bosques, num carreiro que ia surgindo e sumindo, até alcançar o milheiral com a cabana lúgubre de dois andares plantada ao centro. Em vida, o velho fora amigo de relembrar a Tarwater o rubro rosto suado e picado do seu sobrinho a oscilar para cima e para baixo milho adentro, e, por trás dele, o chapéu florido cor-de-rosa de uma assistente social que trouxera à boleia consigo. Nesse ano o milho estava plantado até pouco mais de um metro do alpendre e, quando o sobrinho saiu do meio das folhas, o velho surgiu à soleira, com a sua caçadeira, gritou que meteria bala em qualquer pé que tocasse nos seus degraus e os dois detiveram-se frente a frente enquanto a assistente despontava do milheiral, eriçada como uma pavoia perturbada no seu ninho. O velho dizia que, não fora a assistente social, o seu sobrinho não teria arriscado dar um passo. Ambos os seus rostos vinham arranhados e a sangrar das sarças, e a blusa da assistente social trazia uma vareta de amoreira pendurada na manga.

Bastou-lhe soltar a respiração num sopro lento, como se estivesse a desprender-se do último vestígio de paciência no mundo, para que o sobrinho levantasse o pé e o plantasse no degrau e o velho lhe

desse um tiro na perna. Relembrava para benefício do rapaz a expressão de integridade ultrajada no semblante do sobrinho, ar que o enfurecera de tal modo que levantara um pouco mais a arma e lhe dera outro tiro, arrancando-lhe dessa feita um nico da orelha direita. O segundo disparo lavou-lhe a integridade do rosto e deixou-o branco e inexpressivo, revelando que nada escondia por trás, revelando também, como o velho por vezes admitia, o seu próprio fracasso, pois tentara e não lograra, muito tempo atrás, salvar o seu sobrinho. Raptara-o quando era um menino com sete anos e levava-o para o interior da floresta, batizara-o e instruíra-o sobre os factos da sua Redenção, mas o efeito da instrução durara apenas alguns anos; a seu tempo, a criança enveredara por um rumo diverso. Havia momentos em que a possibilidade de ter sido ele próprio a empurrar o seu sobrinho para esse novo rumo pesava de tal forma no peito do velho que este parava de contar a história a Tarwater, detinha-se e fitava em frente como se mergulhasse os olhos num abismo que se houvesse aberto a seus pés.

Em tais momentos vagueava pelos bosques e deixava Tarwater sozinho na clareira, por vezes dias a fio, enquanto se reconciliava violentamente com o Senhor, e quando regressava, maltrapilho e esfomeado, trazia o aspeto que o menino julgava que um profeta deveria ter. Apresentava-se como se acabasse de voltar de uma luta corpo a corpo com um gato-bravo, como se trouxesse a cabeça ainda prenhe das visões que vislumbrara nos olhos do animal, rodas de luz e feras estranhas com asas de fogo gigantescas e quatro cabeças viradas para os quatro pontos do universo. Era nessas alturas que Tarwater se convencencia de que, quando fosse chamado, diria: «Aqui estou, Senhor, ao Teu serviço!» Noutras alturas, em que não via qualquer chama nos olhos do seu tio e este falava apenas do suor e do fedor da cruz, de nascer de novo para morrer, e de passar a eternidade a alimentar-se do pão da vida, o rapaz deixava o espírito derivar para outros temas.

Os pensamentos do velho nem sempre se deslocavam com a mesma velocidade de andamento ao percorrerem todos os pontos da história que contava. Às vezes, como se não quisesse pensar no assunto, saltava apressado a parte em que atirara sobre o sobrinho e precipitava-se em diante, contando como os outros dois, o sobrinho e a assistente social (que até no próprio nome — Bernice Bishop — era cómi-

ca), tinham batido em retirada, desaparecendo com um restolhar no meio do milho, e como a mulher da assistência social gritara: «Porque é que não me avisou? Você já sabia que ele era maluco!», e como, quando saíram pelo extremo oposto do milheiral, reparara através da janela do andar de cima, para onde fora a correr, que ela levava o braço à volta do sobrinho e o sustinha na vertical enquanto este entrava no bosque ao pé-coxinho. Mais tarde veio a saber que se haviam casado, embora ela tivesse o dobro da idade do parceiro e não houvesse qualquer possibilidade de este lhe tirar mais do que um filho do ventre. A mulher nunca deixara o marido voltar àquele lugar.

E Deus, dizia o velho, protegera a única cria que o seu sobrinho tirara do ventre da mulher de ser corrompida por pais daquela laia. Protegera-a do único modo possível: a criança nascera lerda. O velho fazia sempre uma pausa aqui e deixava que o peso deste mistério descesse sobre a cabeça de Tarwater. Fizera, desde que soubera da existência dessa criança, diversas incursões à cidade para tentar raptá-la de modo a poder batizá-la, mas, de todas as vezes que lá fora, regressara sem êxito. O professor estava de sobreaviso e o velho tinha-se tornado demasiado gordo e burro para dar um raptor desembaraçado.

«Se, chegada a hora da minha morte», dissera a Tarwater, «ainda não o tiver batizado, sobra para ti. Será a primeira missão que Deus te dará.»

O rapaz tinha muitas dúvidas de que a sua primeira missão seria batizar uma criança lerda. «Ai isso é que não sobra», respondera ao tio-avô. «Ele não quer que eu ate as pontas que deixares soltas. Tem outras coisas em mente para mim.» E com isto lembrou-se de Moisés que fez brotar água de uma rocha, de Josué que fez parar o Sol, de Daniel que na cova amansou os leões com o olhar.

«Não faz parte das tuas competências pensar em nome do Senhor», disse-lhe o tio-avô. «Olha que o Juízo ainda te baralha os ossos.»

Na manhã em que o velho faleceu, desceu ao rés do chão e preparou o pequeno-almoço, como de costume, e morreu antes de ter levado a primeira colherada à boca. O andar rasteiro da casa era todo ele cozinha, ampla e escura, com um fogão a lenha numa extremida-